



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 9 de Janeiro de 1980

A revelação e a descoberta do significado esponsal do corpo

1. Relendo e analisando a segunda narrativa da criação, isto é, o texto javista, devemos perguntar-nos se o primeiro homem ('*adam*), na própria solidão original, «vivia» o mundo verdadeiramente como dom, com atitude conforme à condição efectiva de quem recebeu um dom, tal como se conclui da narrativa do capítulo primeiro. A segunda narrativa mostra-nos, de facto, o homem no jardim do Éden (Cfr. *Gén. 2, 8*); mas devemos observar que, até nesta situação de felicidade original, o mesmo Criador (Deus Javé) e depois também o «homem», em vez de sublinharem o aspecto do mundo como dom subjectivamente beatificante, criado para o homem (Cfr. a primeira narrativa e em particular *Gén. 1, 26-29*), fazem notar que o homem está «só». Já analisámos o significado da solidão original; agora é, porém, necessário notar que pela primeira vez aparece claramente certa carência de bem: *Não é conveniente que o homem (varão) esteja só — diz Deus Javé vou dar-lhe um auxiliar...* (*Gén. 2, 18*). A mesma coisa afirma o primeiro «homem»; também ele, depois de tomar consciência até ao fundo da própria solidão entre todos os seres vivos sobre a terra, espera um «auxiliar que lhe fosse igual» (Cfr. *Gén 2, 20*). De facto, nenhum destes seres (*animalia*) oferece ao homem as condições de base, que, *tornem possível estar em relação de dom recíproco*.

2. Assim, pois, estas duas expressões, isto é o adjectivo «só» e o substantivo «auxiliar», parecem ser verdadeiramente a chave para se compreender a essência mesma do dom a nível do homem, como conteúdo existencial inscrito na verdade da «imagem de Deus». Com efeito, o dom revela, por assim dizer, *uma característica particular da existência pessoal*; mais, da existência mesma da pessoa. Quando Deus Javé diz que *não é conveniente que o homem esteja só* (*Gén. 2, 18*), afirma que «sozinho» o homem não realiza totalmente esta essência. Apenas a realiza existindo

«com outrem» — e ainda mais profunda e completamente extinto «para outrem». Esta norma do existir como pessoa aparece no Livro do Génesis como característica da criação, precisamente mediante o significado destas duas palavras: «só» e «auxiliar». São elas precisamente que indicam quão fundamental e constitutiva para o homem é a relação e a comunhão das pessoas. Comunhão das pessoas significa existir num recíproco «para» numa relação de recíproco dom. E esta relação é exactamente o fim da solidão original do «homem».

3. Tal fim é, na sua origem, beatificante. Sem dúvida está implícito na felicidade original do homem, e justamente constitui aquela felicidade que pertence ao mistério da criação realizada por amor, isto é, pertence à essência mesma do dar criador. Quando o homem-«varão», desperto do sono genesíaco, vê a mulher dele tirada, diz: *esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne* (Gén. 2, 23). Estas palavras exprimem, em certo sentido, o início subjectivamente beatificante da existência do homem no mundo. E dar-se isto «ao princípio» confirma o processo de individuação do homem no mundo, e nasce por assim dizer, da profundidade mesma da sua solidão humana, que ele vive como pessoa diante de todas as outras criaturas e de todos os seres vivos (*animalia*). Logo também este «princípio» pertence a uma antropologia adequada e pode sempre ser verificado com base nela. Esta verificação puramente antropológica leva-nos, ao mesmo tempo, ao tema da «pessoa» e ao tema do «corpo-sexo». Esta contemporaneidade é essencial. Se, de facto, tratássemos do sexo sem a pessoa, ficaria destruída toda a adequação da antropologia, que encontramos no livro do Génesis. E para o nosso estudo teológico ficaria então velada a luz essencial da revelação do corpo, que nestas primeiras afirmações transparece com tanta plenitude.

4. Há nexos íntimos entre o mistério da criação, como dom que brota do Amor, e aquele «princípio» beatificante da existência do homem como homem e mulher, em toda a verdade do corpo e do sexo em ambos, que é pura e simples verdade de comunhão entre as pessoas. Quando o primeiro homem, à vista da mulher, exclama: *é osso dos meus ossos e carne da minha carne* (Gén. 2, 23), afirma simplesmente a identidade humana dos dois. Com esta exclamação parece dizer: eis um corpo que exprime a pessoa! Seguindo uma passagem precedente do texto javista, pode-se dizer também: este «corpo» revela a «alma viva», como ficou sendo o homem quando Deus Javé lhe insuflou o sopro da vida (Gén. 2, 7), pelo qual se iniciou a própria solidão diante dos outros seres vivos. Atravessando precisamente a profundidade dessa solidão original, o homem surge agora na dimensão do dom recíproco, cuja expressão — que por isso mesmo é expressão da sua existência como pessoa — é o corpo humano em toda a verdade original da sua masculinidade e feminilidade. O corpo, que exprime a feminilidade «para» a masculinidade e vice-versa a masculinidade «para» a feminilidade, manifesta a reciprocidade e a comunhão das pessoas. Exprime-a por meio do dom como característica fundamental da existência pessoal. Este é o corpo-testemunha da criação como dum dom fundamental, portanto testemunha do Amor como origem de que nasceu este mesmo dar. A masculinidade-feminilidade — quer dizer, o sexo — é o sinal original duma doação criadora e duma tomada de consciência por parte do homem, varão e mulher, dum dom vivido, por assim dizer, de modo original. Tal é o significado

com que entra o corpo na teologia do corpo.

5. Aquele «início» beatificante do ser e do existir do homem, como homem e mulher, está ligado com a revelação e com a descoberta do significado do corpo, que é oportuno chamar «esponsal». Se falamos de revelação e ao mesmo tempo de descoberta, fazemo-lo em relação com a especificidade do texto javista, no qual o fio teológico é também antropológico; mais, aparece como certa realidade conscientemente vivida pelo homem. Já observámos que às palavras que exprimem a primeira alegria da comparência do homem na existência como varão e mulher (*Gén.* 2, 23) segue o versículo que estabelece a unidade conjugal de ambos (*Gén.* 2, 24), e depois o que atesta a nudez dos dois, destituída de vergonha recíproca (*Gén.* 2, 25). E justamente este significativo confronto que nos permite falar da revelação e ao mesmo tempo da descoberta do significado «esponsal» do corpo no mistério mesmo da criação. Este significado (enquanto revelado e também consciente, «vivido» pelo homem) confirma até ao fundo que o dar criador, que deriva do Amor, atingiu a consciência original do homem, tornando-se experiência de dom recíproco, como se percebe já no texto arcaico. Disto parece também dar testemunho — talvez até de modo específico — aquela nudez dos primeiros pais, ambos, nudez isenta de vergonha.

6. Génesis 2,24 fala da finalização da masculinidade e feminilidade do homem, na vida dos cônjuges-pais. Unindo-se entre si tão intensamente que se tornam «uma só carne», estes submeterão, em certo sentido, a sua humanidade à bênção da fecundidade, isto é, da «procriação», de que fala a primeira narrativa (*Gén.* 2, 28)). O homem entra «no ser» com a consciência desta finalização da própria masculinidade-feminilidade, isto é, da própria sexualidade. Ao mesmo tempo, as palavras do *Génesis* 2, 25 «Estavam ambos nus... mas não sentiam vergonha» parecem acrescentar a esta verdade fundamental do significado do corpo humano, da sua masculinidade e feminilidade, outra verdade não menos essencial e fundamental. O homem, consciente da capacidade procriativa do próprio corpo e do próprio sexo, *está ao mesmo tempo livre da «constricção» do próprio corpo e sexo.* Aquela nudez original, recíproca e ao mesmo tempo não sujeita à vergonha, exprime a liberdade interior do homem. E a liberdade do «instinto sexual»? O conceito de «instinto» implica já uma constricção interior, de maneira análoga ao que sucede com o instinto que estimula a fecundidade e a procriação em todo o mundo dos seres vivos (*animalia*). Parece todavia que ambos os textos do Livro do Génesis, a primeira e a segunda narrativa da criação do homem, relacionam suficientemente a perspectiva da procriação com a fundamental característica da existência humana em sentido pessoal. Por conseguinte, a analogia do corpo humano e do sexo diante do mundo dos animais — que podemos chamar analogia «da natureza» — em ambas as narrativas (embora em cada uma a seu modo) é analogia elevada, em certo sentido, a nível de «imagem de Deus», e a nível de pessoa e de comunhão entre as pessoas.

A este problema essencial será preciso dedicar ainda outras análises. Para a consciência do homem — mesmo do homem contemporâneo — é importante saber que nestes textos bíblicos, que falam do «princípio» do homem, se encontra a revelação do «significado sponsal do corpo».

Mais importante é porém ainda estabelecer que é que exprime propriamente este significado.

Saudações

A Sacerdotes provenientes de várias Nações da Europa

Desejo ainda dirigir uma cordial saudação aos Sacerdotes provenientes de várias nações da Europa, que participam nestes dias num congresso sobre o tema "A caridade como ideal de vida", no Centro Mariapoli dos Focolarinos, em Rocca di Papa.

Caríssimos Sacerdotes, regozijo-me vivamente convosco e agradeço-vos aquilo que sois e aquilo que fazeis: como sacerdotes de Deus e colaboradores dos vossos Bispos no governo da Igreja e na orientação das almas para a salvação. Recordai-vos sempre das palavras de Jesus aos seus discípulos, na última ceia: "*Permanecei no meu amor*" (Jo 15, 9). Permanecer no amor de Cristo é o primeiro e o mais exigente dever da vossa vida sacerdotal. É a atitude mais verdadeira de quem recebeu a investidura de "administradores dos mistérios de Deus" (1 Cor 4, 1). É a resposta mais bela dada Àquele que vos escolheu para serdes seus amigos e seus mensageiros no mundo para a sua maior glória. O Senhor abençoe os vossos propósitos e o vosso generoso testemunho.

A uma família de refugiados vietnamitas hóspedes do Vaticano

Desejo saudar, com as mais cordiais boas-vindas, a inteira família de refugiados vietnamitas que eu quis hospedar no Vaticano. Gostaria de associar todos os peregrinos, hoje presentes, a este acolhimento dos nossos irmãos católicos provados... Aproveito a ocasião para exprimir a simpatia e a solidariedade da Igreja por todos estes refugiados que se encontram tão longe da sua querida pátria, sem tecto, sem trabalho e muitas vezes separados da família. Oxalá eles possam continuar a encontrar nos países e nas famílias, encorajamento, amparo efectivo e integração, para uma vida normal! Eles próprios dão-nos testemunho da sua coragem, da sua experiência, e muitas vezes da sua fé. De todo o coração os abençoo. E preciso desejar-lhes também que sejam remediadas as causas que provocam a abalada destes refugiados, de múltiplos modos e em tantos países.

A um grupo de Médicos e Enfermeiras

Está presente nesta Audiência um grupo de Médicos e de Enfermeiras, que, respondendo ao apelo lançado pela Cáritas Italiana, partirão nos próximos dias como voluntários, para a Tailândia, a fim de prestarem assistência sanitária aos prófugos da Camboja, ali refugiados. É um gesto altamente humanitário e evangélico, que merece o nosso louvor e o nosso encorajamento. O Senhor recompense a vossa obra de solidariedade humana e cristã e sustenha o vosso esforço generoso, a fim de que sirva de alívio para tantos sofrimentos e valha para dar de novo o sorriso

a tantos rostos marcados pela dor.

Aos Jovens

E agora dirijo-me a vós, caríssimos Jovens, Rapazes e Crianças, que tomais parte nesta Audiência, para vos apresentar a minha particular saudação e os meus bons votos.

Estamos ainda perto das grandes Festividades do Santo Natal e da Epifania, e por isso renovo a minha exortação a terdes o olhar fixo na estrela luminosa de Belém, como fizeram os Magos vindos do Oriente.

E a estrela é Jesus, porque só Ele, no tumulto e no tormento da história e da nossa própria existência, nos indica o caminho justo da nossa vida e nos ajuda a percorrê-lo. Desejo-vos de coração que o Ano Novo, há pouco iniciado, seja para todos vós ano de íntima amizade com Jesus, aprofundando o conhecimento do Evangelho, vivendo na Sua graça e imitando-O na caridade para com o próximo.

A minha paternal Bênção vos acompanhe!

Aos Doentes

Também a vós, caríssimos Doentes, que quisestes participar na Audiência, chegue a minha saudação particularmente afectuosa.

Especialmente para vós, doentes e pessoas que sofrem, Jesus, o Verbo Divino encarnado em Belém, é a luz que vos ilumina e vos guia na aceitação da vossa doença, na esperança da cura, na certeza de que os vossos sofrimentos se tornarão alegria e glória eterna para o céu.

Como os Magos, que vieram de longe para adorar o Divino Menino, trouxe também vós os vossos dons preciosos: o ouro do vosso sofrimento, o incenso da vossa fé e a mirra da vossa paciência.

E ao mesmo tempo que vos desejo de coração a mesma alegria dos Magos, no abandono sereno à Divina Providência, concedo-vos a consoladora Bênção.

Aos jovens Casais

Caríssimos jovens Casais! Também a vós dirijo a minha saudação. Entrastes, com o Matrimónio, numa nova fase da vossa vida e debruçai-vos trepidantes para o futuro.

Não percais nunca a coragem, mas, como os Magos do Evangelho, segui a estrela da vossa Fé cristã, convencidos de que a família é um "projecto" de Deus que quis exprimir o Seu amor

criador e redentor através do homem e da mulher, feitos à Sua imagem e semelhança.

Tendo presente a família de Nazaré, procurai ser vós mesmos uma "epifania" contínua, isto é, "manifestação" de Cristo, com a vossa religiosidade, a vossa união e a vossa bondade.

E a alegria do Divino Salvador encha sempre os vossos corações! São estes os votos que vos deixo, juntamente com a propiciadora Bênção.

A estudantes da Faculdade de Teologia Protestante de Lausana

Saúdo também os estudantes da Faculdade de teologia protestante de Lausana; faço votos por que aprofundem o mistério de Cristo, nascido da Virgem Maria a fim de se aproximarem d'Ele, a Pedra angular da Igreja, e de se tornarem testemunhas da sua salvação. Brevemente vamos intensificar a oração comum para que todos os cristãos progridam para a plenitude da fé e do amor, e sejam um, como Cristo quis que fossem. Tende a certeza da nossa amizade no Senhor.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana